CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS DE DESCARTES E A FALSIDADE DO REAL NAS REDES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

Kailo Augusto de Souza[1]
Antônio Joaquim Pinto[2]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo investigar as relações entre o pensamento cartesiano e a construção de uma realidade ilusória nas redes sociais, com ênfase no fenômeno das *fake News* e na criação de identidades fictícias. É feita uma revisão da filosofia de René Descartes destacando a sua concepção de realidade e a aplicação da dúvida metódica como um caminho para o conhecimento verdadeiro. É feita também uma análise da falsidade presente nas redes sociais, demonstrando como a produção de perfis falsos e informações enganosas podem distorcer a percepção da realidade e influenciar os comportamentos. Além do mais, é retratado estratégias que barrem a disseminação de *fake News,* sendo proposto uma atualização do método cartesiano para o contexto da tecnologia contemporânea. São integrados aspectos éticos e educacionais para reforçar a necessidade de uma postura crítica na verificação de informações.

Palavras-chave: Descartes. Realidade. Redes sociais. *Fake News.* Dúvida metódica.

1 Aluno do sexto período do Curso de Filosofia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: kailosou9@gmail.com

2 Orientador da Pesquisa. Coordenador do Curso de Filosofia e professor na FAE Centro Universitário. Mestre e Doutor em Filosofia. *E-mail*: antonio.pinto@bomjesus.br

INTRODUÇÃO

A temática da realidade e da ilusão é algo recorrente na história da filosofia. Platão em sua Alegoria da Caverna sugere que os humanos estão sujeitos a sombras que distorcem a verdade. A filosofia busca compreender como distinguir o real e o ilusório e nas últimas décadas, com o aparecer das redes sociais, essa discussão se tornou ainda mais relevante visto que a tecnologia criou dinâmicas de representação e percepção da realidade, levando o surgimento de *fake News,* identidades fictícias e perfis manipulados.

No período da Modernidade foi trazido à tona a necessidade em duvidar das aparências para conseguir chegar a uma verdade sólida. René Descartes propõe, com a dúvida metódica, rejeitar tudo aquilo que pudesse ser colocado em dúvida, pois "é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez" (Descartes, 1973, p.94). A partir disso é relevante questionar como as percepções sensoriais, que são tão fundamentais para a compreensão da realidade, podem ser manipuladas facilmente.

Com o advento das redes sociais, a construção da identidade e da verdade passou a ser mediada pelos algoritmos e imagens cuidadosamente editadas, o que torna difícil o processo de distinção entre aquilo que é real daquilo que é simulado. Jean Baudrillard (1991) afirma que a sociedade está imersa em um mundo de simulacros, onde a distinção entre o real e o imaginário desaparece. Essa reflexão se torna essencial para compreender o impacto das *fake News* e dos perfis fictícios criados nas redes, pois a experiencia digital é construída por meio de narrativas que podem informar ou enganar.

A relevância do presente trabalho reside na necessidade de compreender de que maneira a filosofia cartesiana pode auxiliar a navegar nesse mundo de incertezas e desinformação. No contexto contemporâneo, onde as aparências são constantemente manipuladas, a reflexão filosófica sobre a verdade e a ilusão se tornam um recurso de alto valor para a educação crítica e para a construção de um ambiente digital ético e responsável.

Ao longo do trabalho é possível ver que a dúvida metódica de Descartes pode servir como um modelo de pensamento crítico para os usuários das redes sociais, os auxiliando na construção de um comportamento mais consciente e reflexivo diante das informações consumidas e compartilhadas.

O presente artigo aborda, em primeira instancia, uma análise da filosofia de René Descartes explorando as suas concepções sobre a natureza da realidade. Em segunda instancia, se apresentará uma avaliação das máscaras virtuais das redes sociais para entender como as pessoas criam identidades falsas e como isso ajuda na disseminação

das informações falsas e distorção da realidade. Por fim, em terceira instancia, é proposto estratégias éticas e educacionais que ajudam no combate a desinformação, bem como uma atualização das quatro regras usadas por Descartes para serem aplicadas no combate das informações enganosas.

1 DÚVIDA METODOLÓGICA

A temática da verdade é tratada até os dias de hoje, afinal o pensamento grego teve uma forte influência na ciência ocidental na busca pela verdade e gerou um entendimento de valorização da verdade contrariamente ao interesse da não verdade. Porém, essa concepção acarreta o debate sobre a existência de uma verdade una e irrefutável, colocando na mesa noções e percepções diferentes da realidade. É nesse sentido que René Descartes inaugura no pensamento moderno o racionalismo que compreende que a verdade não é originaria das abstrações e nem da alma. Descartes propôs a verdade enquanto uma metodologia, pois para ele, seu trabalho de validar a ciência sistematizou o conhecimento em verdades que não podem ser questionadas (Azevedo, 2019).

No itinerário de um conhecimento absoluto, Descartes (1973) vai propor uma metodologia que é baseada na razão, são conjuntos de regras para ajudar quem quer que procure a verdade e que com isso fosse capaz de achar pilares para o conhecimento. Esse método constitui-se de quatro regras que são fundamentais para se alcançar a verdade:

- **Primeira regra: evidência** que consiste em jamais aceitar algo como verdade, sem antes conhecê-lo, escapar da precipitação, dedicar-se somente àquelas verdades que se apresentam de forma clara.
- **Segunda regra: análise** que consiste em transformar coisas complexas em coisas simples para resolver de uma melhor maneira e conseguir chegar à evidência.
- **Terceira regra: síntese** consiste em iniciar pelas ideias mais simples para só depois seguir com as mais complexas.
- **Quarta regra: enumeração** que consiste em realizar verificações de modo geral e completo, para que nada seja esquecido no processo de chegar à verdade absoluta.

Pode-se perceber que as quatro regras usadas no método de Descartes são baseadas em um método matemático, que de acordo com o filósofo é certo e indefectível. Para ele a matemática é um modelo ideal porque é um conhecimento puro e atingido pelo exercício da razão. Desta forma Descartes está pronto para demolir suas

verdades como tal estabelecidas e iniciar a procura de uma verdade absoluta que fosse uma base para as demais. Era necessário começar tudo do zero, rejeitar completamente aquilo que possa ser falso para que se chegasse, em sua confiança, a algo que fosse totalmente incontestável.

Descartes irá rejeitar tudo o que lhe causar dúvida para chegar a uma verdade absoluta. Ele usa da dúvida metódica para iniciar sua investigação, visto que a dúvida nasce no filósofo quando toma consciência de uma incerteza a respeito de um conhecimento que lhe foi ensinado. Assim em sua obra Meditações Metafísicas Descartes (1973, p.93) diz:

> Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências.

No início das Meditações Metafísicas ele irá se preocupar em colocar em dúvida todas as coisas, e já na primeira meditação explica o porquê deve-se colocar tudo em dúvida. Ele percebe que suas opiniões obtidas na infância são pouco fundamentadas e precisa se livrar delas para construir o conhecimento. O testemunho dos sentidos é o primeiro objeto da dúvida, pois Descartes percebe que a autenticação da ciência não pode se dar por meio dos sentidos porque eles enganam o homem e podem mostrar uma realidade falsa. Essa dúvida em relação aos sentidos se perpetua mais ainda quando ele diz que os sentidos não enganam somente em relação a objetos distantes, mas com coisas que não se poderia duvidar sensatamente. Como por exemplo a dificuldade de distinguir a vigília do sono e por se pensar viver situações como que reais, mas que, não passam de um sonho (Descartes, 1973).

Descartes não duvida apenas dos sentidos, porém dúvida daquilo que não depende dos sentidos. Essa dúvida alcança até mesmo as verdades matemáticas, com a hipótese de um gênio maligno, um Deus enganador que tinha como função fazer as pessoas pensarem que as ideias distintas fossem verdades mesmo não sendo. A estratégia da dúvida radical era construir uma base segura para erguer o edifício do conhecimento e da verdade absoluta. Após tantas pesquisas, Descartes dispôs-se a tarefa de duvidar, e se pode duvidar é porque deveria ser alguma coisa que duvida, e com isso ele alcança essa certeza do “eu sou, eu existo” e essa verdade é tão evidente que não se pode duvidar. Descartes achava que ele era formado de matéria e que tinha total conhecimento de si, mas como colocou a existência de coisas corpóreas

em dúvida e só poderia ser algo que pensasse, ou seja, o espírito, a razão. Coisa essa que não desprende de si, se deixasse de pensar passava a não mais existir, de modo que ele na tarefa de duvidar, evidencia que duvida, mas que enquanto dúvida, duvidar não se torna possível, pois seria negar a própria existência sendo o corpo da dúvida.

Essa afirmação era uma verdade absoluta e resistente a qualquer dúvida e até mesmo a suposição do Deus enganador, uma vez que para poder enganar era preciso que ele existisse e o pensar era a única condição para poder existir. Na compreensão cartesiana, o corpo e a alma são distintos, pois o mundo material tem como natureza a propriedade da extensão, já o mundo espiritual tem o pensamento como a natureza, pois é mais simples de conhecer aquilo que é apreendido pela mente.

1.1 A NATUREZA DA REALIDADE

René Descartes fundamentou algumas concepções que ajudam a entender a natureza da realidade. Elas apresentam uma visão distinta e influente que pode ser comparada com pensamentos de outros filósofos. Em sua busca pela verdade indubitável, Descartes defende um dualismo que se refere à sua concepção da mente e corpo serem distintos, ou seja, duas realidades que são absolutamente diferentes e independentes entre si. Essas substâncias distintas são: a *res cogitans* (coisa pensante) que se refere à mente humana, com sua capacidade de pensar, raciocinar, sentir emoções e ter consciência de si mesma. Para Descartes a mente é imaterial e não ocupa espaço no mundo físico, ela é dotada de razão e de consciência. A *res extensa* (coisa extensa), por sua vez, representa o mundo material composto por objetos físicos e corpos que se caracterizam por ocuparem fisicamente o mundo e pela ausência de consciência. As coisas extensas são regidas pelas leis da física e da geometria, podendo ser estudada empiricamente.

É certo que Descartes argumentou sobre essas duas substâncias desvelando suas distinções, mas numa análise mais atenta pode-se também perceber o desvelar-se de uma relação entre elas. Ele estabelece que possui um corpo ao qual está ligado a alma. De acordo com Raul Landin (1992), a análise de sentir algo, comprova essa ligação da alma e do corpo. As experiencias de fome, sede e dor mostram de fato essa união. Pode-se perceber que essa relação é de tal forma como uma mistura entre duas substâncias que formam uma única coisa, uma fusão e não uma substância nova. O filósofo Merleau-Ponty (2000, p.214) assim diz sobre a concepção da dualidade cartesiana:

> A ideia cartesiana do corpo humano enquanto humano não encerrado, aberto enquanto governado pelo pensamento, é, talvez, a mais profunda ideia de união da alma com o corpo que não pertence ao em si (se fosse em si, seria fechado como um corpo animal), que só pode ser corpo e vivente – humano concluindo-se numa "visão de si" que é o pensamento.

Outra concepção cartesiana para compreender a natureza da realidade é a dúvida metódica que contrasta com a abordagem platônica. Platão procurava valorizar a razão como meio para se chegar à verdade e enfatizava a importância da intuição e contemplação das formas para se chegar a um conhecimento genuíno. Descartes, por sua vez defende um método sistemático da dúvida radical, onde busca estabelecer as certezas irrefutáveis por meio de uma análise racional. Assim, na obra de Descartes, a busca pela verdade e pela compreensão do real é uma jornada marcada pela dúvida metódica e pela busca por certezas indubitáveis. É através desse rigoroso método de investigação que Descartes procura estabelecer os fundamentos do conhecimento humano, lançando as bases para a filosofia moderna.

As regras de Descartes – evidência, análise, síntese e enumeração – podem ser ferramentas valiosas para se entender como as ilusões são criadas nas redes sociais. A regra da evidência, que exige que se aceite apenas aquilo que é claramente verdadeiro, alerta para a necessidade de questionar aquilo que se vê no ambiente virtual, especialmente diante dos perfis e notícias que distorcem a realidade. A análise, que propõe dividir um problema em partes menores, permite que as pessoas desconstruam as informações e imagens idealizadas que se vê nas redes, investigando cada detalhe. A síntese, que envolve a reconstrução das partes em um todo coerente, ajudando a formar uma visão crítica e realista daquilo que se é apresentado. Por fim, a enumeração, que ao revisar aquilo que foi examinado, assegura que não se deixe nenhuma ilusão ou informação falsa passar desapercebida. Assim, essas regras não apenas ajudam a percepção das ilusões criadas nas redes sociais, mas também oferecem um método para navegar com mais clareza em meio ao excesso de informações.

2 O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA CRIAÇÃO DE ILUSÕES

No passado as identidades eram dadas através do nascimento, não havia mobilidade social, e com isso as pessoas nasciam e morriam com a mesma identidade. O sociólogo Stuart Hall fala de três momentos que são importantes e decisivos que as concepções de identidades passaram. O primeiro momento se situa na perspectiva aparentemente rígida que aparecia no iluminismo, onde a figura do indivíduo era totalmente centrada e unificada (Hall, 2006).

Esse indivíduo com uma identidade fixa deu lugar ao indivíduo que era afetado pela complexidade do mundo moderno, logo pode-se afirmar que a identidade na modernidade era formada na interação do indivíduo com a sociedade em que se encontrava. Posterior a isso, surge a noção de um sujeito pós-moderno que é marcado

pela liquidez, que é inserido em um mundo de rápidas transformações onde a identidade de cada um é mutável (Bauman, 2001).

A identidade não é mais algo dado com o nascimento, mas sim passa a ser construída e é passível de transformações. O sujeito não pode mais ser caracterizado como "ser", mas como "tornar-se".

Nessa situação, onde as pessoas trocam de identidade a todo momento, podendo escolher alguma já existente que melhor se adeque a si no momento, é nesse cenário que a mídia passa a ser o espaço onde diversos modelos de identidades são ofertados à população. Bauman (2005, p.51) afirma que "houve um tempo em que a identidade humana de uma pessoa era determinada fundamentalmente pelo trabalho produtivo desempenhado na divisão social do trabalho", mas hoje é fruto das escolhas entre as várias possibilidades.

A era da pós-modernidade facilitou que as identidades fossem definidas em razão do lazer, da imagem e do consumo. As redes sociais como Facebook e Instagram tornam-se um lugar propício em que se é liberado construir e propagar sua identidade, mesmo que essa não corresponda com sua realidade. São nessas redes sociais que os sujeitos se constroem, onde se juntam com aqueles semelhantes e se reúnem sob a perspectiva de pertencimento, é se sentir seguro por estar com pessoas que pensam da mesma forma.

Há diversos aplicativos na internet, onde se pode criar um avatar e escolher a cor da pele, dos olhos, do cabelo, pode até escolher onde esse avatar viverá, tudo isso é uma realidade paralela que as pessoas constroem uma identidade que não condiz com sua identidade fora do mundo virtual. É nessas comunidades que esses indivíduos realizam o sonho de ser aquilo que queriam para si.

A potencialidade das tecnologias, através da internet, ajuda no crescimento da inteligência coletiva, um termo estudado por Pierre Lévy[3]. Essa tecnologia permite uma conexão entre as pessoas. Para Lévy a inteligência coletiva é "uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências" (2015, p.29).

Pierre Lévy aborda a questão social e a importância da coletividade, destacando que ninguém detém todo o conhecimento, mas todos possuem algum saber. Assim, o conhecimento está distribuído na sociedade. A inteligência coletiva, segundo ele, não visa uniformizar ou misturar os conhecimentos, mas sim fortalecer e destacar a singularidade do saber de cada indivíduo. Assim ele fala:

[3] Filósofo e sociólogo francês. É um pesquisador reconhecido e respeitado na área da cibernética, da inteligência artificial e da internet, precursor de concepções como inteligência coletiva, ciberespaço e cibercultura como um instrumento de desenvolvimento social.

> No espaço que emana da inteligência coletiva encontro, assim, o outro humano, já não como um corpo de carne, uma posição social, um proprietário de objetos, mas como um anjo, uma inteligência em ação – em ação para ele, mas em potência para mim. Se ele nunca aceitar revelar a sua face de luz, quando eu descobrir o corpo angélico de outro contemplarei a sua vida no conhecimento ou no seu conhecimento da vida, na projeção do seu mundo subjetivo no céu imanente do intelecto coletivo. Ora eu não sei o que ele sabe, os nossos futuros diferem, ele tem neste espaço uma figura de desejo singular, incomparável: o seu corpo angélico revela-mo como enigma e alteridade (Lévy, 2015, p.94).

A inteligência coletiva tem seus benefícios, mas também é nesse contexto que surgem as *fake News*[4]*,* favorecidas pelo ambiente de fácil disseminação de informações. Algumas pessoas aproveitam essa facilidade para criar e compartilhar notícias falsas, utilizando manchetes chamativas e histórias convincentes que despertam curiosidade. Isso leva outras pessoas a repassar essas informações sem qualquer verificação, perpetuando o ciclo e amplificando a divulgação dessas falsas notícias.

Nesse cenário, a interseção entre tecnologia e comunicação permite uma circulação massiva de informações, tornando as fronteiras da disseminação quase inexistentes. No entanto, essa mesma facilidade que impulsiona a troca de dados também facilita a propagação de conteúdos questionáveis, como as *fake News.* A crescente dependência da tecnologia para acessar informações transforma cada indivíduo em um potencial disseminador, reforçando a necessidade de uma consciência crítica ao lidar com as informações disponíveis. Essa dinâmica destaca a indissociável relação entre a informação e a tecnologia, que se reflete na forma como a sociedade se organiza e se comunica.

2.1 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A sociedade da informação é estruturada através de uma aceitação global, onde o desenvolvimento tecnológico remodelou a forma de agir, se relacionar das pessoas, mas principalmente propõe modelos de comunicação vigentes. Não há como separar a informação da tecnologia.

Para Webster (1995 *apud* Galarça, 2004), a sociedade da informação é representada por meio de uma sociedade onde a informação é utilizada de forma intensa como elemento social, econômico e cultural, e dependendo de uma tecnologia

[4] Informação falsa que é transmitida ou publicada como notícia, motivada por razões políticas ou para fins fraudulentos.

para se propagar, demonstrando que esse processo se tornou um fenômeno social fixado dentro da sociedade. Para a informação se propagar é preciso da tecnologia e é por esse motivo que a humanidade vai ao encontro da tecnologização, um processo de virtualização onde tudo acontece e se faz no universo virtual.

Lévy (1993) aponta algumas funções para a estruturação da rede digital que ele chama de polos funcionais que seriam 1) a produção de dados, 2) a seleção, recepção e o tratamento dos dados, 3) a transmissão e 4) o armazenamento. Com isso, qualquer informação pode ser consultada de qualquer parte do mundo, esse acesso se tornou maior e cada vez mais rápido. Essa interface digital diversificou o campo do visível, facilitando a propagação das informações de forma ampla. Com a internet, o homem passa ser um agente que se comunica, visto que ele passa a ter um acesso mais amplo à informação e ao mesmo tempo participar da criação da informação e interagir com ela. Com essa grande abertura de possibilidade de criar as informações, muitos de má fé se aproveitam disso para propagar as notícias falsas que são amplamente divulgadas por pessoas que não procuram saber mais sobre ou averiguar se de fato aquilo que leu ou ouviu é real.

Uma informação falsa passa a ser mais confiante ainda quando possui imagens, Aumont (1993) diz que o homem atribui um julgamento de existência às imagens, pois acredita que aquilo que viu existiu ou existe realmente, porém a imagem é farta de ambiguidades. Cada pessoa julga se de fato aquilo existe ou não, todavia a imagem não compõe o objeto em si, é uma representação, simulacro. Esse termo para Baudrillard (1991) seria um segundo batismo das coisas, sendo o primeiro a representação. A simulação é um processo entre a imitação e a metamorfose que se caracteriza pelas formas superiores de poder, o simulacro pode ser entendido como uma defesa (Melo, 1988). O real não é somente aquilo que pode ser reproduzido, mas aquilo que está sempre reproduzido. Com isso a realidade que cerca o homem está imersa à dimensão simuladora do hiper-realismo. A mais importante transformação do século XXI para Pietroforte (2019) foi o fato de que o homem é ao mesmo tempo ator e plateia de um grande e permanente espetáculo.

3 CAMINHOS PARA UMA CONSCIÊNCIA CRÍTICA: COMO EVITAR A MANIPULAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

A era digital trouxe consigo inúmeras vantagens, como o rápido acesso à informação e a interconexão global. No entanto, também possibilitou a propagação desenfreada de desinformação e *fake News*, fenômeno que distorce a percepção da realidade e impacta negativamente o debate público e a confiança social. Nas

redes sociais, em especial, a criação de personagens fictícios e a manipulação de fatos se tornam ferramentas poderosas na construção de uma realidade alternativa, frequentemente desconectada da verdade.

Neste contexto, torna-se imperativo refletir sobre maneiras de mitigar a disseminação de informações enganosas, promovendo, ao mesmo tempo, uma compreensão mais crítica do que se consome online. Assim como Descartes propôs um método rigoroso de análise para questionar e duvidar daquilo que os sentidos apresentam, deve-se adotar estratégias que incentivem o pensamento crítico e a busca pela verdade no ambiente digital.

Em um nível individual, cada usuário das redes sociais desempenha um papel ético fundamental na cadeia de disseminação de informações. Assim como Descartes ensina a desconfiar das primeiras impressões e a não aceitar nada como verdade sem submetê-lo a um escrutínio racional, os usuários das redes sociais também devem assumir a responsabilidade de verificar a veracidade das informações antes de compartilhá-las.

As *fake News* afetam o convívio da sociedade, pois transforma os espaços de debate em grandes campos de guerra onde o objetivo principal e ver o outro como um inimigo transformando o debate em algo autoritário, muitas vezes sustentado por argumentos "*ad hominem"*[5], que usa como base atacar não o argumento usado pelo outro, mas sim atacar a própria pessoa a descredibilizando.

A temática das *fake News* precisa ser discutida dentro de espaços que formam opiniões como escolas, igrejas e trabalho, essa seria uma solução a longo prazo que possibilitará uma diminuição dos problemas causados por esse fenômeno social. Como solução a curto prazo torna-se indispensável a iniciativa dos órgãos democráticos que tomando partido desse assunto, criem grupos temáticos e órgãos deliberativos para a construção de caminhos institucionais que visem solucionar ou minimizar os impactos que são causados pelas *fake News* (Moreira, 2020).

Especificamente sobre o combate a *fake News*, já existem algumas legislações em vigor e outras ainda em tramitação. Como exemplo de iniciativa de órgãos democráticos para o combate as *fake News* se têm legislações em vigor como o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, em seu artigo nº 287- A do código penal que diz ser crime:

[5] [...] argumentação falaciosa conhecida como argumentum ad hominem – argumento contra o homem. O importante nessa estratégia, é desqualificar o homem que, em consequência, terá suas ideias também desacreditadas. Não se analisa a credibilidade das ideias, rejeita-as simplesmente, uma vez que brotaram de alguém julgado como desprovido de racionalidade ou moralidade segundo determinados critérios. [...] Longe de ter como base um fundamento lógico, ao contrário, essa argumentação está intimamente relacionada com conteúdo emocionais e psicológicos (Gurgel, et al., 2013).

> Divulgar notícia que sabe ser falsa e que possa distorcer, alterar ou corromper a verdade sobre informações relacionadas à saúde, à segurança pública, à economia nacional, ao processo eleitoral ou que afetem interesse público relevante (Brasil, 1940).

É possível ver que o esforço no combate as *fake News* ganham cada vez mais destaque nos órgãos representativos. Os benefícios desses projetos não ficam limitados somente a esses núcleos específicos, mas seus efeitos positivos respingam em outros setores da sociedade.

Esforços para o combate as *fake News* acontecem em outros países que se empenham na criação de estratégias para o combate das notícias falsas. A União Europeia, em 2017, criou um documento chamado "mapa de caminhos" que tinha como viés coibir a desinformação on-line. Na Alemanha, a Lei das Redes Sociais determina que provedores de redes sociais removam ou bloqueiem conteúdos que sejam falsos ou ilegais no prazo de 24 horas, a partir da determinação judicial (Moreira, 2020).

3.1 A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE COMBATE AS FAKE NEWS

A educação midiática é um trajeto onde se desenvolve o pensamento crítico perante as mídias nas quais as informações são consumidas. Mesmo sendo um grande desafio para ser enfrentado, é preciso colocar em prática medidas educacionais a fim de impedir os impactos da desinformação, esses impactos vão além da idade ou nível de escolaridade, atingem todos em uma escala enorme e precisam ser pensados de maneira crítica.

> A educação midiática requer questionamento ativo e pensamento crítico a respeito das mensagens que criamos e recebemos; é uma conceituação expandida de alfabetização; desenvolve competências para aprendizes de todas as idades e requer uma prática integrada, interativa e repetida; seu propósito é desenvolver participantes informados, reflexivos e engajados, essenciais para uma sociedade democrática; as mídias são vistas como parte da cultura e funcionam como agentes de socialização; e as pessoas usam suas competências, crenças e experiências para produzir sentidos para as mensagens das mídias (Hobbs; Jensen, 2009, p. 7, apud Fechine; Deodato, 2022, p.71).

Dentro desse contexto de exposição demasiada à tecnologia surgem dois públicos:

- Nativo digital: composto por pessoas que nascem no meio de todas as mudanças que são provocadas pela internet, pelas redes sociais e celulares.
- Imigrantes digitais: viveram sem esses recursos até um período de sua vida, mas com o avanço da tecnologia necessitaram se adaptar a esse modo de vida.

É importante fazer essa distinção entre os dois personagens para se entender melhor que a educação midiática afeta os dois públicos, logo é perceptível que cada um precisará de linguagens diferentes de ensino (Ferrari; Machado; Ochs, 2020).

Essa promoção da educação midiática ajuda os jovens a questionarem e a lidar com as informações de forma crítica, além de os conectar com temas interdisciplinares e importantes para o mundo. Essa educação pode ser tratada em diversas disciplinas e dessa forma, os educadores de diversas áreas podem fazer ligação desses temas trabalhados com os alunos com estratégias para o combate a desinformação. O projeto EducaMídia[6] desenvolveu um método que é dividido em quatro eixos, entre eles: tema, ação, mídia e reflexão. É utilizado com o intuito de planejar atividades que serão desenvolvidas em sala de aula.

É preciso ser pensado o tema, que envolve escolha de conteúdos que serão estudados. O professor aqui deve usar da criatividade e ser capaz de fazer a explanação dos temas que se propõe a trabalhar. Após o tema ser definido, é preciso decidir o que será feito com os conteúdos a fim de promover a educação em sala de aula, é preciso escolher também a mídia que será usada, como vídeos curtos, fotos ou memes retirados das redes sociais. Com isso, se pode levar os alunos a refletirem, é preciso recordar o conceito de intencionalidade e colocar em prática aquilo que se pretende alcançar com a atividade (Ferrari; Machado; Ochs, 2020).

Estratégias como essa contribuem para o avanço da educação midiática nas salas de aula. Fazer dos estudantes cada vez mais capacitados para lidar com essas informações que são recebidas excessivamente através das redes sociais se torna importante na construção de uma sociedade cada vez mais crítica. Traçar métodos que impeçam a disseminação de informações falsas é uma coisa que precisa ser feita por educadores, jornalistas, e todos aqueles que produzem notícias.

3.2 METÓDO CARTESIANO HOJE PARA EVITAR *FAKE NEWS*

De acordo com o método cartesiano, que apresenta uma sequência rigorosa de etapas para se atingir a verdade absoluta, é possível adaptar um método para o combate as *fake News* nas redes sociais. Elas podem ser reinterpretadas e aplicadas como um guia para verificar informações a fim de evitar a disseminação de conteúdos equivocados.

[6] Lançado em 2019, o EducaMídia é o programa do Instituto Palavra Aberta, com apoio do Google. org, que tem o objetivo de promover a educação midiática como condição essencial da cidadania plena no século XXI. Com uma série de formações, recursos e ferramentas, o programa visa equipar professores e gestores com material de trabalho e de reflexão para que levem às escolas estratégias intencionais de uso de mídias (Ferrari; Machado; Ochs, 2020, p. 52).

- **EVIDÊNCIA (não aceitar nada como verdadeiro sem verificação**)

  Assim como Descartes recomendava rejeitar qualquer ideia que não fosse evidente, o primeiro passo seria questionar todas as informações encontradas nas redes sociais. Antes de repassar a informação é preciso que a pessoa se pergunte se tem evidências suficientes para acreditar que aquilo é verdade. Aqui é indispensável recorrer a fontes confiáveis, como agencias de checagem, além de verificar se outras fontes independentes confirmam a mesma informação.

- **ANÁLISE (dividir a informação em partes menores)**

  Descartes sugeria que dividir os problemas complexos em partes menores ajudaria a compreendê-los. Para o combate as *fake News*, essa fase envolve fazer perguntas como "quem publicou?", "quando foi publicado?" e "a que evento se refere?" também é importante salientar que opiniões não são fatos, é preciso distinguir um do outro.

- **SÍNTESE (reconstruir as informações com base em fontes verificadas)**

  Após fazer uma análise de cada parte da informação, é preciso reconstruir o entendimento de uma forma clara e coerente. Logo, isso significa juntar as partes verificadas e, caso haja alguma informação que seja falsa, buscar a verdade e substituí-la por dados que estejam corretos. É fundamental dar prioridade a fontes que sejam reconhecidas, como publicações acadêmicas, jornais respeitados e sites que sejam especializados em checagem.

- **REVISÃO (revisar constantemente e corrigir erros)**

  Descartes defendia a necessidade de revisar e confirmar o processo para não ocorrer erros. No combate as *fake News* isso implica que os usuários e as plataformas digitais realizem revisões contínuas das informações que circulam na internet, corrigindo quando houver necessidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo fazer uma breve revisão da filosofia de René Descartes no que tange a realidade, em especial na dúvida metódica que pode ser aplicada na compreensão das ilusões presentes das redes sociais contemporâneas. A análise partiu da ideia de que os sentidos podem ser enganosos, indicando que se deve questionar todas as percepções para se encontrar uma verdade sólida. No universo das redes sociais, essa postura crítica é indispensável, pois essas plataformas frequentemente apresentam uma realidade que é distorcida pelos perfis fictícios e informações manipuladas.

Portanto, no decorrer do trabalho se é recomendado, assim como Descartes, propor uma suspensão do julgamento diante da incerteza. É essencial que os usuários adotem uma atitude vigilante ao compartilhar informações, é preciso verificar sempre a veracidade das notícias através de fontes confiáveis antes de divulgá-las. O desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva, inspirada no método cartesiano, é um passo necessário não apenas para preservar a verdade, mas também para promover uma convivência digital confortável para todos.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A imagem.** Campinas: Papirus, 1993.

AZEVEDO, Amanda. **Racionalismo.** Educa Mais Brasil, 2019. Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/racionalismo. Acesso em: 22 fev. 2024.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações.** Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Câmara dos Deputados.** Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1641437&filename=Avulso%20PL%209554/2018#:~:text=287%2DA:,Art.,n%C3%A3o%20constitui%20crime%20mais%20grave. Acesso em: 22 out. 2024.

DESCARTES, René. **Discurso do método:** Meditações; Objeções e respostas; as paixões da alma; Cartas. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FECHINE, Ingrid; DEODATO, Paulo. Educação midiática: identificando e combatendo informações falsas. **Rotura – Revista de Comunicação, Cultura e Artes**, v. 2, n. 2, p. 67-73, 2022.

FERRARI, Ana; MACHADO, Daniela; OCHS, Mariana. **Guia da educação midiática.** São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

GALARÇA, Sandro. **Jornalismo online na sociedade da informação.** 2004. 240 f. Dissertação (Mestrado em comunicação e informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GURGEL, Wildoberto; SERRA, Janete; OLIVEIRA, Victória; SILVA JUNIOR, Rogério. O marquês de sade, o argumentum ad hominem e o controle social estatal sobre a loucura. **Cadernos de pesquisa**, [s.l.] v. 19, n. 3, 2013. Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1149. Acesso em: 16 out. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LANDIN FILHO, Raul Ferreira. **Evidência e verdade no sistema cartesiano.** São Paulo: Loyola, 1992.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2015.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MELO, Hygina. **A cultura do simulacro**: filosofia e modernidade em Jean Baudrillard. São Paulo: Loyola, 1988.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

MOREIRA, Leandro Silva. **A ética como fator conscientizador no combate às fake News.** 2020. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

PIETROFORTE, Antonio. **Semiótica visual**: os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2019.